



PARA MAIS ALTO!...

Torna-se supérfluo salientar a importância e o interesse que, para a vida dos povos, tem a rede de electrificação, tão sabidos reconhecidos são, por todos, esse interesse e tal importância.

A política de electrificação do País, em boa hora empreendida pelo Governo, tem de seguir o seu curso. Abrem-se novas perspectivas à indústria, criam-se novas condições de vida à agricultura e alimentam-se novas esperanças ao comércio. Assim, não podemos estar à mercê de Concessionários que não cumprem ou que não querem cumprir os seus contractos, por a isso se sobrepor interesses que prejudicam a Economia Nacional.

No 2.º Congresso dos Economistas e Industriais Portugueses realizado em 1957 nesta cidade, chegou-se num dos pareceres da «Comissão de Conclusões do Relatório» à redacção desta norma:

«Os Cadernos de Encargos das concessões tanto da alta como de baixa tensão impõem aos Concessionários a obrigação de fornecerem energia a quem requisitar, dentro das áreas abrangidas...».

Assim é, com o meu maior entusiasmo que dou os efusivos parabéns ao meu querido amigo, Padre Mário de Oliveira Brito, pela maneira desassombrosa como neste Jornal defendeu no seu artigo «LUZ ELÉCTRICA» a electrificação de Aldeia das Dez.

O nosso Pároco não é filho de Aldeia das Dez, mas pela maneira calorosa e ardente como defende a resolução dos seus problemas, parece que foi nato e criado ali. Peço ao Todo Poderoso que lhe dê vida e saúde e que encontre em todos os Aldeenses a confiança para que continue com uma Fé inabalável no porvir. Aldeia das Dez, vive com euforia o seu presente e aspira para mais alto, um futuro que se alargue sempre em novas probabilidades, pois que os seus melhoramentos vão surgindo como tocados por Deus.

Parece — e para isso chamo a atenção do Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital — que são de considerar os direitos do povo de Aldeia das Dez, tal como eles cumprem com os seus deveres para com os cofres do Estado e da Câmara.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1958.

CARLOS DA CONCEIÇÃO MENDES

Foi em Lourdes há cem anos

Desde que o orgulho de Adão ousou insurgir-se contra a submissão devida ao seu criador, no princípio do mundo, tremenda luta se tem travado na terra entre Deus e os homens.

Deus, pai misericordioso e compassivo, tem tentado a conciliação com vista a conduzir o homem, desviado pelas suas paixões e caprichos, ao fim sobrenatural para que foi criado. Vieram os profetas e também os patriarcas, mas o mundo não os compreendeu. Nasceu em Belém, há vinte séculos, Deus feito homem, para, irmão nosso, nos ensinar e ajudar a trilhar o verdadeiro caminho, o caminho da salvação; poucos foram os que O receberam. Até que um dia a Santíssima Trindade reunida num último e único conclave, se decide a enviar à terra a Mãe do próprio Filho de Deus.

Lourdes, há cem anos, e Fátima, há quarenta, foram os locais escolhidos para que Maria Santíssima comunicasse aos homens o último pedido, da parte de Deus.

Recantos ignorados e desprezíveis antes dos acontecimentos de que foram teatro, Fátima e Lourdes, são hoje universalmente conhecidos, verdadeiros altares do mundo, autênticos vales de penitência, de perdão, de conversões e de milagres.

Neste ano centenário das aparições de Lourdes, muitos milhares de fiéis, por certo, irão de visita àquele Santuário bendito onde a Virgem se dignou fazer as suas confidências a Bernardette.

Mais uma vez — e em Fátima o caso havia de repetir-se — o Céu mostra a sua predilecção pelas coisas simples, humildes e puras. Bernardette era filha dum moleiro de Lourdes. Tinha 14 anos. Nunca tinha ido à catequese nem à escola; era analfabeta, mas piedosa, sabia rezar o terço, era obediente e de olhos lípidos e cheios de pureza. Na casa de seus pais havia falta de tudo: acabara a lenha, naquela tarde, e Bernardette vai em busca duns gravetos. À beira dum regato, quando se preparava para o atravessar, sente um estranho ruído. A princípio julgou tratar-se de qualquer aragem que fizesse bulir a folhagem das árvores; como, porém, o mesmo se fizesse ouvir, agora com mais nitidez, olha em redor e vê, para além da água, uma «Senhora linda, vestida de branco, com cintura azul, rosas de ouro nos pés e terço na mão». Assustada, como nós em ocasião de perigo, a pastorinha pega do seu terço e cai de joelhos diante de tão estranha visão. A Senhora benzeu-se e ela benzeu-se também e começou a rezar. A Senhora passava as contas, mas não dizia palavra nem sequer mexia os lábios. Ao terminar a última «Glória» a visão desaparece. Foi esta a primeira de dezóito aparições, em 11 de Fevereiro de 1858.

Na nossa aparição, a 25 de Fevereiro, Nossa Senhora manifesta-se à sua confidente e diz-lhe: «vai beber à fonte e lavar-te nela». Então os assistentes que se contavam naquela altura por umas centenas, viram a humilde pastora subir a encosta ao lado mais baixo da gruta e abaixar-se. Por três vezes levou à boca uma água lodosa que, devido à repugnância que lhe causa, não conseguiu engolir; por fim, à quarta vez, dominando-se mais, num supremo esforço Bernardette bebe e lava-se naquela água suja. A Senhora, complacente, pousou então nela um olhar lindo, e desapareceu.

É desta água que doentes e sãos bebem, em Lourdes e em todo o mundo, água que tem remediado tantos males corporais, produzido efeitos salutares nas almas, curado doenças de toda a espécie. Foi com a mesma fé com que ainda hoje tantos e tantos doentes — do corpo e do espírito — ali se dirigem, que Pedro de Rudder, o operário belga com fractura exposta

(Continua na pág. seguinte)

Carta aberta ao Rev. Director de «Voz do Santuário»

Reverendíssimo Senhor:

Deu a «Voz do Santuário» a notícia da doença grave e prolongada com que Deus me presenteou a principiar no dia primeiro de Junho próximo passado. E fê-lo em termos tão repassados de caridade e carinho, que me não posso privar de dizer a V. Rev.º o meu mais sincero e sentido reconhecimento. Embora a doença não esteja de todo debelada, e Deus sabe se o virá a ser, não posso demorar por mais tempo o cumprimento deste dever sagrado.

Mais tenho a agradecer ainda aos povos de Aldeia, de Vale de Maceira e de Chão Sobral e outros que rezaram por mim em particular ou em público, dentro ou fora do Santuário de Nossa Senhora das Preces.

Diz V. Rev.º na «Voz do Santuário» que sou amigo de Nossa Senhora das Preces. Realmente sinto que o sou, mas, se perguntar a mim mesmo que provas posso apresentar dessa amizade, poucas se me depaeram, e essas tão pequeninas, que mal merecem ser mencionadas.

Querirá V. Rev.º referir-se a uns desprezíveis artigos que tenho levado às colunas da «Voz do Santuário»?

Pois seja assim, e só me resta pena de não poder ser nem mais assíduo nem mais perfeito em escrever.

Se Deus me prolongar a vida e saúde suficiente, quero continuar a inserir no Jornal de V. Rev.º que tanto bem tem feito já, breves notas de dou-

(Continua na pág. seguinte)

Luz electrica

Segundo informações de fonte fidedigna a Empresa de Arganil está na disposição de electrificar as povoações para as quais o Governo concedeu as necessárias participações, entre elas Aldeia das Dez é dentro dos prazos que lhe foram fixados pelas Entidades Superiores.

Oxalá que assim seja e com isso muito folgamos.

Conversando CURIOSIDADES

— Dá licença, tia Rosa?
— Entre quem é.
— Ora Deus a ajude tia Rosa! já há muito que a não via...

— Olha é a minha Margarida! Por onde tens andado, que há tanto tempo não apareces?

— Olhe tia Rosa, umas vezes doente, outras por fora da terra, que, em casa só, não se governa a vida.

— Tens razão filha. Olha eu cá tenho estado sempre na minha varanda, junto das minhas flores e quando está frio, como agora, é à lareira que passo o meu tempo, ora rezando as contas, ora pensando nas contas que hei-de dar a Deus.

— É uma santa vida, a da tia Rosa. Aqui nem diz, nem ouve, nem sabe das trapalhadas que acontecem cá na terra. Olhe, tia Rosa, parece que anda tudo maluco.

— Olha, filha, na verdade o juízo de muita gente deve ter saído da cabeça, se é que algum dia o tiveram.

— Então a tia Rosa não quer saber? Há poucos dias adoeceu da cabeça ali um rapaz da Praça. O rapaz diz coisas do arco da velha. Que é o espírito da Cleia velha, que quer um relógio de ouro, que quer não sei mais quê e que, senão, vem aí um vendaval que deita as casas abaixo.

— Coitadinho do rapaz! Está malquinho da cabeça, com certeza, e já chamaram o médico?

— Qual médico, qual carapuçal... Pelos vistos, a modos que acreditam que aquilo são espíritos, e até parece que já foram consultar as bruxas.

— Ail! Ail não me digas outra: então as bruxas é que lhe dão com a cura?

— Pois é, sim senhora, e até dizem que a Maria Pechincha vai para lá consultar e desconjurar a alma da Cleia velha.

— Olha, Margarida, o rapaz é digno de dó, porque é um doente, os que acreditam nas bruxas e espíritos precisavam de ser corridos a cabo de vassoura e a tal Maria Pechincha precisava de ser metida na cadeia, porque quem se mete com essas benzelhonas e trapalhonas nunca tem saúde nem sossego.

— Eu cá também assim penso, tia Rosa, não acredito nessas coisas, mas que muita gente anda maluca, lá isso é verdade.

Olhe, tia Rosa, ainda há pouco tempo aconteceram cá na terra umas coisas que deu no goto a muita gente.

Houve aí um casamento dum rapaz com uma rapariga, claro.

Durante o namoro, aquilo era só visto: falinhas meigas, conversas a toda a hora, não se podiam ver separados, enfim uma doídice pegada.

Apenas fizeram o casamento, passados poucos dias zangaram-se, dividiram os tarcos e os púcaros e lá vai cada um para casa dos pais.

— O quê, então eles fizeram isso? Ai que pouca vergonha.

— Pois fizeram, sim senhora e os pais, em vez de os mandarem para a casa deles, ainda lhes deram os amens.

Vê, tia Rosa, os rapazes não têm juízo, nem vergonha, nem respeito por ninguém; mas os pais é que também têm culpa. Fizeram o casamento, fez-se o apartamento. Que se aguentem um ao outro, é o remédio que têm e portanto os pais não deviam aceitar o rapaz em casa.

— Olha, Margarida, são vidas estragadas, porque no fim de contas ninguém ganha com isso.

Esses que assim fazem são como os animais, não têm nem vergonha nem religião alguma. Metem-lhes nos ouvidos todas as palermices que querem, acreditam em todos os ditos das alcoviteiras e depois vão para casa fazer disparates... e a mulher é quem paga as favas.

— Lá isso é verdade, tia Rosa, lá a minha vizinha é uma infeliz.

— Olha, Margarida, eu penso cá na minha ideia que o mal está muitas vezes em fazerem o casamento muito novos. São umas criancinhas. Os pais do rapaz exigem ou o dinheiro todo das férias ou que se ponha na sua. Os pais da rapariga não des-cansam enquanto a não vêem enforcada ou casada. Daqui é que nasce toda essa trapalhada que só dá que falar.

— Bem, tia Rosa, tenho que me ir embora. Qualquer dia cá volto para conversarmos mais um bocadinho.

— Pois sim, filha, vai com Deus e que as bruxas te não vejam.

Carta aberta ao Rev. Director de a "Voz do Santuário"

(Continuado da 1.ª página)

trina em que mais se saliente a pessoa excelsa da Mãe de Deus, e eficácia da devoção que as almas alimentem pela Virgem Santíssima.

Rev.^{mo} Sr., a carta já vai longa.

Com os meus melhores agradecimentos para V. Rev.^a e os povos acima mencionados, rogo ao Senhor que A «Voz do Santuário», ao entrar nos lares e nas consciências, leve, de mansinho, doutrina de formação moral, e até mesmo social. Permito-me dedicar uma palavra ao venerando ancião Sr. Manuel Lourenço, de Chão Sobral, a quem Deus guarde e ao qual me ligam relações de particular amizade e que neste período de doença foi lâmpada acesa a velar diante de Deus pelo meu restabelecimento.

De V. Rev.^a muito grato,

P.^o J. AMADO

28/1/58

REMÉDIO, DE OUTROS TEMPOS, PARA A MÁ LÍNGUA

A má língua, em todas as suas manifestações, foi sempre uma praga. Simples murmuração, calúnia, língua desbragada até ao palavrão, são manifestações que sempre houve e, pelos vistos, não tem remédio possível...

Pode supor-se que os castigos não são tão severos que façam escarmentar os delinquentes. Porém, já antigamente, estes delitos eram severamente castigados e não consta que a emenda fosse grande...

Quem levou a palma no modo de castigar os desbocados, parece terem sido os transmontanos, talvez porque por lá abundassem mais os amigos de dar com a língua nos dentes... O certo é que os castigos eram de respeito! Senão vejamos. Na freguesia de Santa Maria de Bragança, lugar de Sanceriz, (este lugar já foi vila e dispunha de juiz, vereadores e respectivo pelourinho) havia um freio, todo de ferro, como os dos cavalos, afeiçoado ao jeito da cabeça humana. Tinha cabeçada de couro com fivelas para o passador e ombros. Quem tivesse a língua comprida ou venenosa já sabia que lhe enfocinhavam o freio e ao prendiam pela arreata ao pelourinho e aí ficava exposto para escarmento dos demais. Não consta se a população era muita.

O que consta é que o freio estava muito gasto...

Macedo de Cavaleiros usava o mesmo processo, com a particularidade de juntar ao freio uma barra de ferro.

Em Cedóinhos, Mozelos, que foi vila e sede de concelho, e Mós, do concelho de Mirandela, e ainda em toda a comarca de Murça castigavam os maldizentes do mesmo modo. Em Murça e comarca conservou-se este uso até 1834, pelo menos.

Quem conservará alguma destas raridades? Seria interessante para a história dos castigos uma peça destas num museu. Aí seria, de facto, o melhor lugar como motivo histórico. O pior é se... depois de lá colocados, as autoridades os iam lá buscar para os aplicarem na actualidade. E não faltaria a quem... em todas as Províncias!

O JAPÃO, PAÍS DE CONTRASTES

Visto com olhos ocidentais, o Japão é o país dos contrastes. As casas, por exemplo, são de cartão. Os construtores começam a «erguê-las» pelo tecto. Para afastar os incêndios, desenham, no telhado, a palavra «água».

Para os funerais, os japoneses vestem-se de branco; e para os casamen-

(Continua na 3.ª pág.)

Foi em Lourdes há cem anos

(Continuado da 1.ª pág.)

na perna esquerda, alcançou a cura. O caso conta-se em poucas palavras. Pedro de Rudder, tinha então 44 anos de idade, num acidente do trabalho ficou com a perna esquerda esmagada sob um pesado tronco de árvore. Durante oito anos os ossos, em parte esmigalhados, nunca soldaram. Não podia pôr o pé no chão; só apoiado em muletas podia mover-se; as extremidades da tibia furaram a pele e formaram-se dusa chagas purulentas, nauseabundantes; faltam pedaços de osso, a perna está mais curta. Levam-no a Oostacker, onde se venera a Senhora de Lourdes. Numa gruta em tudo semelhante à dos Pirinéus de França. Aí o desolado operário implora perdão para os seus pecados pede à Santíssima Virgem a graça de poder trabalhar para ganhar o pão para a mulher e para os filhos a fim de não ter de viver da caridade pública. Fica instantaneamente curado, sem defeito. Viveu ainda mais 23 anos, vindo a morrer aos 75 vitimado por uma pleurisia.

Este o facto que apaixonou, ao tempo, todos os sábios especialistas, acabando todos por se render diante de tamanho milagre.

Citámos este caso, já por demais conhecido, mas muitos e muitos outros poderíamos ainda referir. E não só curas do corpo como também da alma. Estas, porém, passam-se apenas no íntimo de cada um.

Faz cem anos a 11 de Fevereiro que a gruta do rochedo de Massabielle se transformou em altar. Possivelmente nenhum mais pobre, certamente nenhum mais glorioso. Diante dele ajoelhou Bernardette, pobre pastorinha. Dezoito vezes viu, no recôncavo da rocha, a Senhora linda. De todos os cantos do mundo acorrem doentes e são, grandes e pequeninos, santos e pecadores.

Que este ano, neste mês de Fevereiro, todos lá vamos ajoelhar, ao menos em espírito, pedir a Nossa Senhora que console e fortifique os que sofrem por Cristo, não nos esquecendo nós, também, de darmos cumprimento integral à sua mensagem.

A. A.

Notícias de S. Vicente da Beira

Em 20 do passado mês de Dezembro faleceu, com 75 anos de idade, em Cabeço de Vide o distinto médico Senhor Dr. Alexandrino Lopes Russo, pessoa de altos sentimentos religiosos, pelo que era muito estimado e querido naquela região.

A sua viúva a Ex.^{ma} Senhora D. Maria Isabel da Costa Lopes Russo, a seus Filhos e mais família e, muito principalmente a sua cunhada Ex.^{ma} Senhora D. Gracinda da Conceição Lopes Russo e às nossas estimadas assinantes Ex.^{mas} Senhoras D. Maria da Conceição Lopes Russo e D. Maria Isabel Russo Lourenço de Azevedo (sobrinhas do falecido) aqui lhe deixamos expressas as nossas mais sentidas condolências.

— A Missa do galo foi celebrada pelo Senhor Bispo D. João de Deus Ramalho, na qual foi estreado um Órgão novo com que S. Ex.^a Rev.^{ma} presenteou a nossa Igreja.

— Também no dia de Reis foi estreada uma sineta na capela de Santa Bárbara, do vizinho povo do Casal da Fraga, anunciando ali uma Missa por intenção de todas as pessoas que concorreram com os seus donativos para a compra da referida sineta, sendo a missa celebrada pelo nosso Rev.^o Pároco Padre Tomaz da Conceição Ramalho. Vão os nossos parabéns para os que se interessam pelos melhoramentos desta capela, onde nunca falta

o imprescindível Sr. Afonso Henriques, muito apreciado assinante da «Voz do Santuário».

— Por ocasião do Natal e Ano Novo tivemos a satisfação de sermos cumprimentados por, entre outros, o Sr. José Rodrigues Inês, 1.^o Cabo do Posto Fiscal de Praia de Mira, que veio com sua esposa e filhos passar aqui uns dias junto de sua mãe; pelo Sr. João Alves Patrício, digno Enfermeiro diplomado, que se encontra agora prestando os seus serviços no Colégio de Manuel Bernardes, em Lisboa, onde está muito satisfeito por exercer as suas funções num tão grandioso e utilíssimo Estabelecimento de ensino. E fomos também cumprimentados pelo Sr. Francisco Gomes Rodrigues, muito prestável Escriturário e Cobrador da progressiva Casa do Povo da freguesia de Castelo Novo. A todos estes nossos assinantes, mais uma vez aqui lhe apresentamos os nossos agradecimentos.

— Amanhã, dia 19 terá aqui lugar a usual Feira de S. Vicente e dia 22, que é consagrado a este nosso Santo Mártir, será celebrado o Sagrado Lausperene.

— Faz anos dia 7 do próximo mês de Março a nossa assinante, a Menina Rosalina da Conceição Duarte, desta vila.

18-1-1958

JOSÉ LOURENÇO

INDULTOS PONTIFÍCIOS

Há já séculos que a Santa Sé concede a Portugal excepcionais graças e privilégios pela Bula da Santa Cruzada e agora pelos Indultos Pontifícios.

Quem, tendo a dita de ter fé, ler o elenco dessas graças e privilégios no Sumário Geral e no Indulto de Abstinência e Jejum, jamais deixará de tomar os Indultos da devida taxa, todos os anos, como regra, até ao fim de Janeiro.

Ficando de pé todas as graças e privilégios espirituais que nos anos transactos a Munificência do Santo Padre nos concedia, mediante o Sumário Geral e outros Sumários especiais, agora, isto é, desde 1953, relativamente ao jejum e abstinência muito maiores privilégios usufruirá quem tomar o Indulto especial de jejum e abstinência.

O Venerando Episcopado Português, na Reunião Plenária de Dezembro de 1952, usando de faculdades especiais concedidas pela Santa Sé, resolveu conceder aos Fiéis da sua jurisdição, uma

vez que tomem os Indultos Pontifícios, os seguintes privilégios:

DIAS DE JEJUM — Quarta-feira de Cinzas, Sexta-feira Santa, Vigília da Imaculada Conceição e Vigília do Natal.

(Nos anos transactos quem tomasse os Indultos teria de jejuar 25 dias no ano. Agora só 4 dias).

DIAS DE ABSTINÊNCIA — Sextas-feiras da Quaresma, das Têmporas e do Advento; e Vigílias da Imaculada Conceição e do Natal.

(No anos transactos também nas Vigílias do Espírito Santo e de todos os Santos). — No resto do mundo é obrigatória a abstinência, pelo menos todas as sextas-feiras do ano.

Ninguém, ao conhecer as grandes graças e privilégios que desde há séculos a Santa Sé concede a Portugal e desde 1953 notavelmente acrescidos,

Um avião da altura de três andares

Um avião com a altura de uma casa de três andares e com uma envergadura superior ao comprimento de um campo de futebol passou há poucos dias no aeródromo das Lages. Pertence às forças aéreas norte-americanas.

Pode transportar, em tempo de guerra, duzentos soldados equipados para o combate.

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Precês cresça, floresça, se desenvolva e progrida, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

CURIOSIDADES

(Continuado da 2.^a pág.)

tos, de negro. Os convidados têm de levar dos banquetes os restos da comida, embrulhados num pano que se chama «furoshik». Um japonês sem isso é como um americano sem automóvel ou como um árabe sem camelo, observa um jornalista espanhol.

No Japão, há uma província onde a beleza da mulher é avaliada pelo comprimento dos bigodes. A mulher que, por «desgraça» não tem bigode, tuta-o.

O japonês é o povo mais cortês do Mundo. Um parente que não vê outro, há longos anos, desculpa-se assim: «Oh! Há quanto tempo não me fixei nos seus veneráveis olhos! Realmente fui um indelicado em não ter vindo visitá-lo mais cedo. Faça-me o favor de ir visitar a minha casa tão suja. Desejaria apresentar-lhe a tonta de minha mulher».

É assim a cortesia nipónica, em todas as circunstâncias.

O japonês recebe admiravelmente os estrangeiros, recordando-lhes o que os pode orgulhar. Quando sai do Japão, vai munido de instruções como proceder, minuciosas até este ponto, por exemplo: «Quando ofereça um cigarro a um estrangeiro, deve ter o cuidado em não acender o fósforo debaixo do seu honrado nariz, para não o incendiar, pois os narizes estrangeiros são longos, em geral».

Os japoneses são delicados de sentimentos. Um adágio do país reza assim: «Sente», antes de falares...

Outro ponto: os nipões colocam o valor no abdómen e não no peito, e é por isso que praticam o «harakiri».

deixará de tomar os Indultos Pontifícios.

Quem os não tomar, fica sujeito à lei geral da Igreja.

Quem tiver a dita de ter fé, tome quanto antes os Indultos Pontifícios de alma a transbordar de gratidão ao Santo Padre e ao Venerando Episcopado que com os Fiéis Portugueses usaram este ano de tanta benignidade.

Por isso, que ninguém fique este ano sem tomar os Indultos Pontifícios.

ANEDOTAS

A senhora diz para a criatura que se vai propor para criada:

— Eu preciso duma criada inteligente, fiel, limpa, económica e trabalhadora.

— Então não sirvo, minha senhora; eu sou apenas cozinheira...

—//—

O médico: — Minha senhora, seu marido tem continuado com as sanguesugas?

A senhora: — Não, meu caro doutor. Tive de deixar de lhas dar, porque por muito boa vontade que tenha não é capaz de as comer...

—//—

MÃOS AO AR!

— e assim chamou a polícia...

«Mãos ao ar, senão disparo!» — ordena o gatuno empuçado ao guarda meio adormecido do edifício. O porteiro levanta-se e, para mostrar a sua boa-vontade, levanta os braços o mais alto que pode, na direcção do tecto. Os seus dedos penetraram assim num campo de força, que dá o alarme na esquadra próxima.

A Polícia de Dortmund e de Duisburgo mostra-se muito satisfeita com esta invenção de um engenheiro westfalian. Todas as janelas, portas e tectos do edificio a proteger contra as «incursões» nocturnas são integrados numa rede de fios muito finos, que passam sob os tapetes e nas fendas do sobrado e chegam a uma bateria de automóvel, geradora de uma corrente contínua muito fraca. Simultaneamente, um pequeno emissor de ondas curtas, funcionando num determinado comprimento de onda, envolve, num campo de força, a porta de entrada, as janelas, os tectos, as «caixas» e a casa-forte. Logo que o «visitante nocturno» se aproxima de uma porta defendida, estabelece-se um contacto que, por seu turno, procede à operação anti-roubo: todas as divisões do edificio são iluminadas, a campainha de alarme começa a tocar e o telefone estabelece ligação automática com o posto da Polícia, onde um sinal óptimo e outro acústico chamam a atenção do guarda de serviço.

Também com o fim de levar à prisão os especialistas em assaltos à mão armada, os Bancos instalaram agora magnetofones ligados à campainha de alarme. Assim, amplificadores de som instalados no interior e no exterior do edificio, clamam imediatamente: «socorro — assalto — a Polícia».

Para maior segurança, os assaltantes são fotografados de todos os ângulos por máquinas fotográficas que não se vêem e que disparam automaticamente.

A arte de furtar está muito aperfeiçoada, mas a arte de apanhar os gatunos não está menos e por esta amostra se vê.

Bilhete de Identidade para os casamentos

O número 10 do artigo 425 do Código do Registo Civil torna obrigatória a posse e apresentação do bilhete de identidade para ambos os nubentes, quando o casamento a celebrar nas sedes dos concelhos.

Esta exigência é compreensível.

Regra geral, os Conservadores não conhecem as pessoas da sua área e portanto necessitam de identificar os nubentes para se certificar de que são aqueles e não outros.

Nos casamentos organizados e celebrados nos Postos nunca foi exigido o bilhete de identidade, porque o Ajudante do Registo Civil, regra geral, é natural e residente na freguesia e por isso conhece toda a gente da sua jurisdição.

Ora, desde Abril do ano findo, foi tornada obrigatória a posse e apresentação do bilhete de identidade em todos os casamentos, antes da passagem dos respectivos certificados.

Esta determinação veio dificultar e complicar a vida dos nubentes.

Na verdade, depois da publicação da Concordata, em 1940, os processos de casamento são organizados pela maioria dos párocos e os nubentes não precisavam de sair da sua freguesia para coisa alguma.

Agora têm os nubentes de se deslocar à sede dos concelhos para tirar o bilhete de identidade.

Para os povos da serra, afastados da sede do concelho, o caso é mais sério.

Assim, de Aldeia das Dez a Oliveira do Hospital são 24 quilómetros por estrada; a pé levam pelo menos duas horas, só ida.

O Piódam pertence a Arganil. A pé são umas cinco horas, por caminhos intransitáveis, a não ser que vão de automóvel, ou camioneta.

A freguesia de Vide pertence ao concelho de Seia. Para lá ir gastam as pessoas pelo menos cinco horas a pé, atravessando a serra; carreiras de passageiros não há, de automóvel gastam uns 240\$00.

Se nas repartições há abundância de serviços, os nubentes nem sempre são atendidos, tendo de voltar.

Pergunta-se: não poderia evitar-se tanto trabalho e tanta despesa?

O bilhete de identidade não pode ser substituído pela cédula pessoal? Afinal para que é que ela serve?

Para identificação dos nubentes juntam-se as certidões de idade, os atestados de residência, passados pela Junta, a declaração do pároco que conhece perfeitamente os nubentes. Não serão documentos mais que suficientes para identificação?

Em virtude destas dificuldades, das longas distâncias e das despesas com deslocações e documentos, al-

O abuso das comodidades

Um dos médicos do Presidente dos Estados Unidos da América afirma que o gosto dos americanos pelo conforto, pela posição sentada e pelas deslocações em automóvel, poderá ser uma das razões da alta percentagem das doenças de coração nos Estados Unidos.

Na verdade nunca houve tanta gente doente do coração como agora, lá... e por cá também.

guns nubentes, menos endinheirados, estão a seguir o caminho da manebia.

Pela doutrina da Concordata facilitou-se a realização dos casamentos de nubentes pobres e remediados, facilitou-se a organização dos processos, dando aos párocos poderes especiais; agora com estas exigências do Registo Civil vai-se complicar e dificultar a vida daqueles para quem foi feita a doutrina da Concordata.

A quem de direito pois, a quem superintende no assunto, pedimos em nome dos pobres e do bem comum e para prestígio da própria lei, que o assunto seja revisto e que se volte à primeira forma.

Eu sou a Imaculada Conceição

Numa das vezes que a Nossa Senhora apareceu a Bernardette, a 25 de Março, disse-lhe que ela era a Imaculada Conceição.

O céu confirma, assim, a voz de Pio XII que quatro anos antes proclamou ao mundo o dogma da Conceição Imaculada de Maria.

Deste modo Lurdes é altar onde se reza e canta, onde se chora e suplica e ao mesmo tempo é cadeira de sabedoria donde a própria Virgem proclamou o grande e celestial privilégio da sua Conceição Imaculada.

De Alvoco de Várzeas

BAPTIZADOS — Com o nome de Fernando Gouveia de Brito foi recentemente baptizado na nossa igreja paroquial um filho do Sr. António Fonseca de Brito e de Maria Judite Gouveia Gonçalves.

— Também pelo sacramento do baptismo recebeu o nome de Tereza Maria Mendes Bailão, uma filhinha do Sr. António Mendes Bailão e de Deolinda Baila Mendes. Foi padrinho o Sr. Carlos Mendes Bailão, empregado da Marinha Mercante, e madrinha a menina Maria José da Silva, solteira, ambos residentes nesta freguesia.

Aos recém-baptizados, bem como a seus pais, avós e padrinhos desejamos muitas felicidades e as maiores bênçãos de Deus.

LUZ ELÉCTRICA — Foi aqui largamente comentado o artigo publicado no último número de «Voz do Santuário» sobre a electrificação de Aldeia das Dez. Secundamos em absoluto o que lá se diz.

... É que as nossas esperanças fiam-se nas de Aldeia...

A NOSSA ESTRADA — Continuam, agora em ritmo mais acelerado, os trabalhos com vista ao alcatroamento da rua principal desta localidade. Os quinhentos e tal metros de brita estão já praticamente prontos à sua aplicação, sendo de esperar que a mesma se verifique dentro em breve.

Aldeia das Dez

CASAMENTO — No dia 18 do mês de Janeiro realizou-se o casamento do Sr. José Moreira Marques com a menina Amélia Freire dos Santos, ambos do lugar do Avelar. Desejamos-lhes muitas felicidades.

FALECIMENTOS — Em Aldeia das Dez, no dia 24 de Janeiro faleceu o Sr. José de Oliveira Brito, de 73 anos de idade, viúvo da Sr.^a Maria d'Assunção d'Oliveira.

Também no dia 24 de Janeiro no lugar de Vale de Maceira, faleceu a Sr.^a Maria da Natividade, com 85 anos de idade, viúva de José João Júnior.

Que as suas almas descansem em paz.

O RELÓGIO DA TORRE NÃO DÁ HORAS — Farto de tanto bater, cansado de tanto andar... aborrecido de tanto viver, parou o relógio da torre.

Não sabemos se é reumatismo agudo, se falta de ar. O que é certo é que faz falta.

É preciso substituí-lo por outro. Não haverá nenhum americano, ou brasileiro, ou africanista que queira oferecê-lo?

Nós sabemos onde eles se vendem e onde se fazem. Digam alguma coisa.

Foi criada em Vale de Maceira uma Central de Despachos

Todas as estações de caminho de ferro vendem bilhetes e despacham bagagens e remessas de pequenos volumes de peso até 40 quilogramas para as localidades de Percelada, S. Gião e Vale de Maceira.

Nos Despachos Centrais, instalados nas mesmas localidades, vendem-se, igualmente, bilhetes e despacham-se bagagens e remessas de pequenos volumes de peso até 40 quilogramas para qualquer estação de caminho de ferro, ou ainda para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

A estação de ligação é a de Santa Comba Dão.

Em Vale de Maceira é agente o Sr. Aníbal Dias Mendes, comerciante.

Um caso raro

Na província de Leon, Espanha, uma mulher de 83 anos deu à luz dois gémeos. O pai dos bebés tem a bonita idade de 92 anos.

Assinaturas pagas da

«Voz do Santuário»

Com 10\$00 pagaram os Senhores:

Armando dos Santos Abranches, Couceira;
Manuel Nunes André, Alvoco de Várzeas;
D. Laura Amaral, Aldeia das Dez;
Manuel Dias Formigo, Aldeia das Dez;
Maria do Céu Garcia, Aldeia das Dez;
José Nunes da Fonseca, Avelar;
Agostinho Miguel, Parente;
António Silva, Quinta da Madalena;
D. Olinda Correia das Neves, Covas;
Henrique Diniz Hall, Venda da Esperança;
D. Odete Baptista Freire, Lisboa;
José Mendes Freire, Gondufo;
Lúcio Jorge, Padrão — Almaceda;
D. Maria Eugénia Delgado, Lisboa;
D. Estefânia Casta Mendes, Avô;
D. Maria Lyce de Castilho Costa, Lisboa;
D. Ermelinda Máxima Pinheiro, Tapadas;
José Pereira, Lobão da Beira.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

José Joaquim da Mota, Lisboa;
D. Josefa Gomes Tavares Abrantes, Fiais da Beira;
António F. Gomes Rôlo, Cadima;
Cândido Baptista Oliveira, Moita da Serra;
Prof. Fernando Martins Morais, Rio Tinto;

P. Luiz Alves de Campos, Lagos da Beira;
D. Maria Augusta da Fonseca, Rapada;
Alberto Rodrigues, Lisboa;
D. Maria da Assunção, Lisboa;
D. América Amaral, África;
Manuel Pimenta da Silva, Celorico da Beira;
Carlos Gil, Cadima;
Domingos Pereira Gil, Taboeira;
Júlio Marques da Fonseca, Lisboa;
João Marques da Fonseca, Lisboa;
Armando Mendes, Lisboa;
D. Sara Cid Fonseca, Ervedal da Beira;
Manuel do Patrocínio Gonçalves, Oliveira do Hospital;

Com 40\$00 pagou o Sr. Adelino Augusto de Moura, de Lisboa.

Com 50\$00 pagaram os Senhores Francisco Godinho, de Oliveira do Hospital e Ildebrando Ferreira Bicho, residente em Angola.

Condições de Assinatura por ano

A Voz do Santuário que se publicará uma vez por mês terá duas categorias de assinantes:

Simples assinantes	— 10\$00
Assinantes benfeitores	— 20\$00
Estrangeiro	— 20\$00